

Arte cristã portuguesa.—O Santo Crucifixo

Escultura de Simões d'Oliveira. Encarnação de Malhõa. Trabalho artistico muito valioso. em Figueiró dos Vinhos.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA "ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,"

Temo-las já impressas, a 440 réis

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochia de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaça.

OS referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 3, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas phartrias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero

Arte e Religião

Officinas de escultura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encommendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil

Preços e todas as informações

Pereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial e Instrucção Primaria..

Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 reis.
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

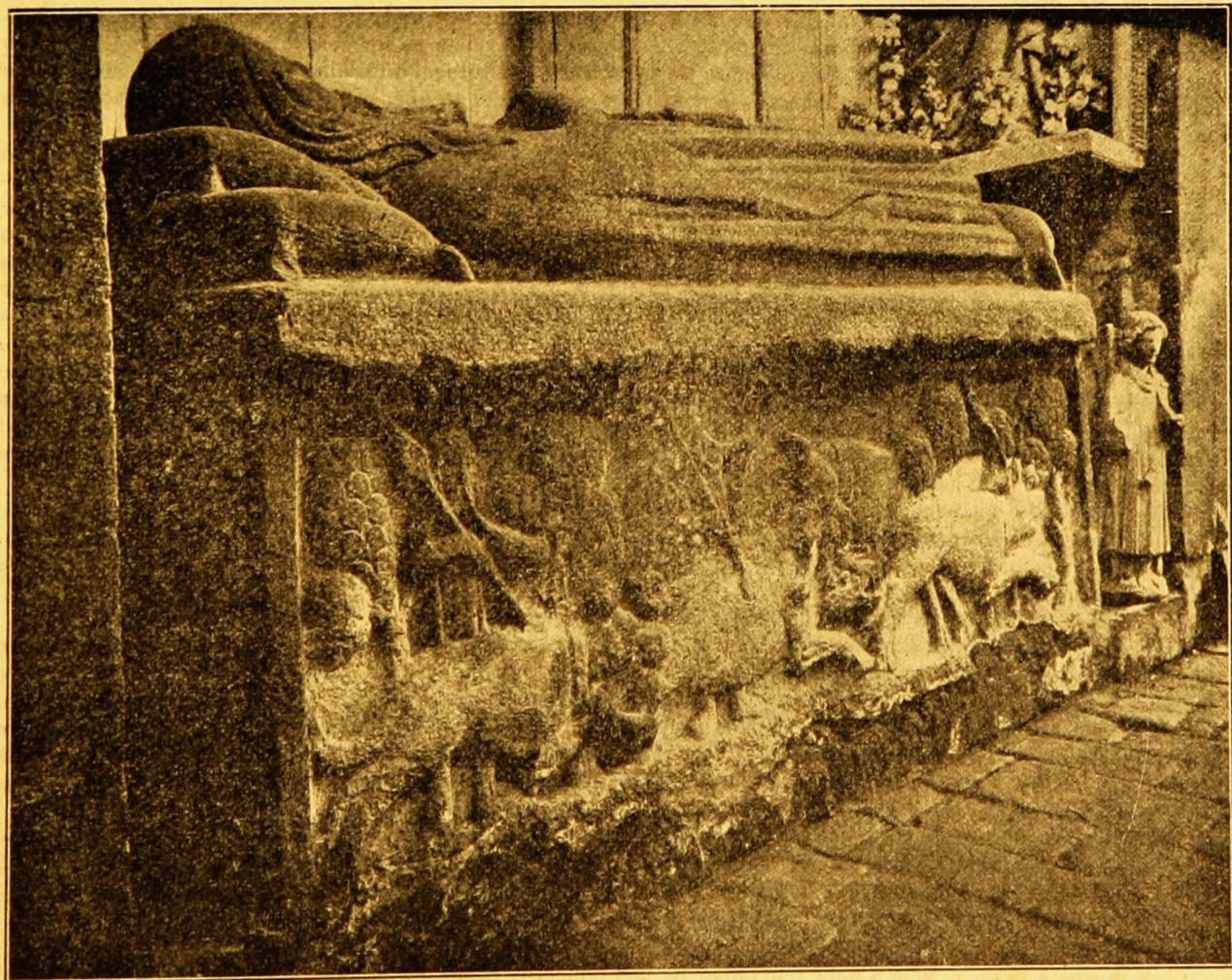
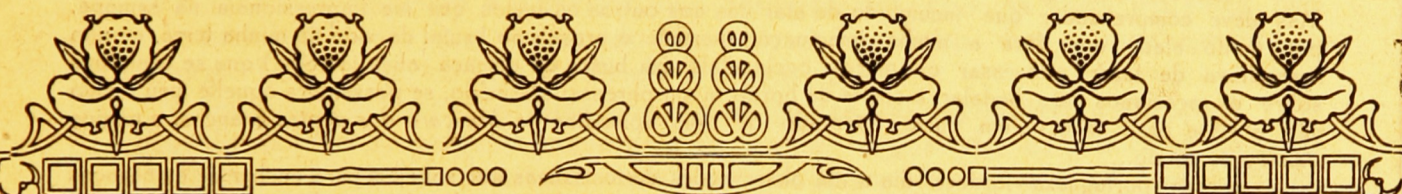
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 8 de Setembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 219—Anno V



Túmulo de D. Pedro Conde de Barcellos,
na Igreja de S. João de Tarouca

(Cliché de Marques Abreu)

CHRONICA DA SEMANA

A guerral...



O curto intervallo d'uma sessão cinematográfica o meu amigo E. mostrou-me um jornal e chamou-me a um canto do corredor. Já uma vez fallei d'elle n'estas chronicas, quando a renuncia de Arriaga á presidencia da republica arrancára para mim, do seu coração do antigo companheiro e conferrâneo, palavras de amarga exprobação e vaticinios de desgraça. Typo excellente de velho portuguez disciplinado pela convivencia norte-americana, tem o habito saxão da linha recta. Falla por conclusões, sem pitoresco; as palavras cahem-lhe dos labios com um pezo axiomático, mais notavel ainda pela accentuação rápida das syllabas, mordidas na fieira cerrada dos dentes, como os inglezes.

N'aquelle desvão, á luz d'um fóco electrico, ao retinido irritante das campainhas, desdobrou o jornal, que na manhã d'esse dia recebêra da Norte-America. Dominando ao alto, as trez columnas primeiras d'uma página, lia-se um titulo alarmante: *Os Açores deverão ser depois da guerra, a primeira base naval do Atlantico sob a bandeira dos Estados-Unidos da América*. Assim mesmo seguiam-se as trez columnas compostas de prosa, illustradas com aspectos das bahias melhores do archipélago. Prometteu-me a tradução de mais esta peça do processo dos governos que mareiam a barçaça lusitana por entre os baixios da politica externa, barçaça cujo lombo gretado está roçando pelos espigões da restinga, devido á extraordinarissima pericia dos nossos Talleyrands para acabarem com isto mal e sem demora.

Pode sêr que algum leitor se detenha n'esta altura suspeito da veracidade do jornal norte-americano. Mas deve comprehender que incumbido de atar uns aos outros os factos que me impressionam na semana, por muito alada que fôra a minha imaginação perante o prosaismo brutal da vida da minha terra, eu não necessitava de fazer atravessar os mares occidentais em busca da ameaça (aliaz já velha) que se desdobra sobre os açorianos para badalar a sineta de bordo, n'um phrenesi alarmado, se porventura aquelle meu amigo não abrisse para mim, n'um curto intervallo de dois episodios da *Mascara dos dentes brancos*, a página *Jankee* do diario...

A vida portugueza fornece dia a dia observações curiosissimas que sobejam para encher de embaraços d'escolha o chronista incumbido de as pescar e mostrar aos leitores n'um breve relance de cinco minutos apressados. Mas é sem duvida saliente que um jornal d'uma nação que anda ha trez annos a gritar pela Liberdade dos pequenos povos (embora ao mesmo tempo metta ao bolso as sommas fabulosas que a Europa em guerra está atirando pela janela fôra) venha já predizendo a Portugal o esbulho do archipélago açoriano, a titulo de elle sêr muito conveniente como base naval das esquadras que *libertaram* Cuba e Puerto Rico, depois da civilizadissima cilada de *Maine* que ainda sangra fortemente no coração dos hespanhoes...

Ha dias José d'Azevêdo Castello-Branco, escreveu um artigo sobre as causas da guerra, e apoiado á opinião d'um profundo observador inglez (não fosse a turba imbecil dos gansos patrioteiros acoimal-o de germanóphilo e o sr. Rêgo perder mais uma noite a girar os holophotes) fazia notar a quantidade extrema de preconceitos accumulados nos cerebros europeus, durante a guerra que o Sr. Magalhães Lima chama do livre-pensamento e da maçanaria—talvez sem errar muito... A nota é exactissima. E' tão inextricavel a rede de sophismas urdida pelas phobias belligerantes (sobre politica, sobre economia, sobre religião, sobre arte, sobre philosophia) que não descreio de encontrar amanhã o mundo entrajado com aquella vestia ou sanbenito que alli por Costa Cabral se usa em certa casa hospitalar. Confesso que me custa hoje lêr um jornal inglez, allemão, francez ou italiano. Ha trez annos que a imprensa estrangeira está vivendo n'esta situação inconsequente: incitando á guerra, esmagada pela guerra. No mercado de livraria, é preciso a máxima cautella para não sêr apanhado na rafoeira: a guerra. D'aqui um fastio enorme, pela guerra, que singularmente contrasta com a debilidade dos estomagos! Pensa-se guerra, olha-se guerra, come-se guerra. E no final da quotidiana tragedia, não ha ente humano com cabeça, que não brade, atirando bracejos ás nuvens:

—Mas afinal quando acabará esta maldicta guerra?

São esses os abencerragens da bom senso, que se irritam já com as prégações maçadoras da casa Branca, que sorriem maliciosos quando as gazêtas se esfalfam por convencer a parvoice mundial das bellezas de certas coisas escriptas com letra grande!

Ao lado d'elles, só ha os práticos aproveitadores commerciaes da occasião. Exemplo de ha dias:

X, commerciante por grosso, recebe a vizita de J. seu collega, que lhe vem propôr um negocio. Em caso de fracasso, ha que desembolsar 900 escudos republicanos, na hypothese contraria recolher-se ha um conto e duzentos ominosos. Tracta-se de levantar, mediante licença da auctoridade que a tem recusado até então, um wagon de farinha depositada na estação Z ha mais de um mez. O praso termina n'esse mesmo dia. X Aceito, põe o seu chapéu e abáa para o Governo Civil. Entra no gabinete do secretario e formula o seu pedido. Primeiro, recebe uma recusa. Insiste: é o ultimo dia do prazo, a farinha vae estragar-se nos caes de desembarque. Nova rejeição. Mas X não perde a compostura.

Pausadamente tira de um bolso, uma nota de 50 escudos, dobra-a por forma que apenas seja visto o numero, a isca; em seguida segura-a entre o indicador e o pollegar, da mão esquerda voltada para o funcionario, e repete o requerimento. Então, aquelle, erguendo o rosto, mira quasi ao mesmo tempo a mão esquerda e o rosto do pedinte.

—Bem, vá lá, mas só por esta vez...

X recebe a licença, mete a nota por baixo de uns papeis e ganha um conto e duzentos...

Isto é que pratica guerreira, leitor amigo!... Ha por ahi um romancista desoccupado?

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

O viuvo.

NO compartimento mal alumiado do expresso, que nos arrastava para o sul, entrou na estação de... um homem baixo com algumas *valises* e um grande ramo de flôres. Eu sumira-me a um canto, friorento, aborrecido, na leitura frívola dos meus jornaes e não dei tento da sua physionomia, não reparei quasi que se sumira tambem na sua peliça. Entre os pregões chalreiros da estação distinguí uma voz branda de meiguice, arrastada, terna, que mimalhava:

— Não demores... que seca!... E telegrapha.

Depois, o comboio partiu, o homemsinho accomodou-se com dois monosyllabos aborrecidos e o silencio cahiu pesado, frio, entrecortado apenas pelo rodar barulhento do comboio. Aquella voz!? É tudo reuni n'um vulgar romancelho d'amor... O meu companheiro dormitava e eu, francamente, adormeci tambem.

A manhã foi rompendo e o revisor veio despertar-nos com as suas irritantes perguntas e pude então vêr que o meu dorminhoco companheiro, era o meu querido o meu enorme Dr. Z, que eu não via desde o ultimo verão.

Foi um nunca acabar d'exclamações, de perguntas, de expansões, d'abraços.

Aquelle homem era alguma coisa na minha vida. O passado, as primeiras loucuras da mocidade, os primeiros devaneios, estavam ligados áquelle homem e foi com jubilo, com alegria enternecida, que eu o abraçei commovido, como se apertasse nos braços, a minha juventude perdida. Fora o meu companheiro, o meu camarada, a minha aza em todos os desvarios, o meu amparo em todas as desventuras e não havia recordação onde elle não estivesse, saudade que elle não comparilhasse, alegria ou magua, onde lhe não pertencesse uma intima parcella.

Até aos trinta annos vivemos juntos. O inverno no tumulto das cidades, o verão a refazer-nos, na recolhida paz do seu solar beirão.

A sua mocidade fôra esplendente. Elle era o ultimo arranco d'essa geração doirada de fidalgos bolieiros, dada á esturdia e á gineta, correndo as feiras de jaqueta d'alamares de prata e espora plebea de campino, em arremessos de cachopo ardido e turbulento. Tivera aventuras, tivera romances, mas tivera tambem a habilidade de se não prender. A's noites no velho salão da sua casa, paredes vestidas de retratos, toda a parentellá perpetuada em lona a abençoar-nos, a ouvir-nos, sentados nas velhas credencias doiradas, nós balançavamos todos esses romances, todos esses corações doudejando em volta do seu nome e da sua fortuna. Um dia casou. Durante dois annos, que nos vimos, ninguem foi mais feliz, ninguem soube melhor aproveitar a vida, gosar a haustos largos as delicias requintadas d'uma vida satisfeita. Uma noite, no *club*, ao jantar, trouxeram-me um telegramma seu. *Trude morreu agora. Desesperado. Vem.*

E fui na manhã seguinte caminho da sua aldeia espanejada nos confins da Beira, para o encontrar no salão, mais velho, mais pallido, á luz d'um candelabro de prata, todo suffocado de soluços e de queixumes. Enternecia aquella dôr! o meu pobre Z. estava inconsolavel. A sua boa, a sua incomparavel Trude, levará-lhe toda a alegria, toda a vida, e parecia um farrapo amarrotado sobre o oiro velho da credencia. Tremi pelo seu futuro, pela sua razão. Todo em queixumes, contou-me horrivel a morte. E descrevia-me a pobre e desventurada Trude sentada na cama de bilros, cuspiendo sangue n'uma bacia de prata e apertando lhe a mão, n'um frenesi egoista de moribunda. Deixei-o mezes depois ainda inconsolavel, desesperado da vida, desejando morrer e encontrava-o agora correcto, cuidado, juvenil, com um sorriso de felicidade a escorrer alegria na barba ponteaguda e preta.

— Mas que aborrecimento! — disse-me com uma palmada satisfeita. Podíamos ter conversado.... Eu entrei em...

— Lembro-me... Mas com aquella luz e depois quem me diria.... conclui n'uma desculpa...

— E' que... tinha-te apresentado minha mulher.

—?! Casaste?

—Ha dois meses... E perante o meu pasmo, lendo-me nos olhos uma surpresa ou uma censura, adivinhando os meus pensamentos mais secretos acrescentou:

—E' uma adoravel rapariga.

—Tiveste medo ao rheumatismo.

—Olha tive medo de tudo, tive medo de mim proprio... Tu tinhas rasão e abraçou-me n'uma gargalhada...

PATRIARCHA

S. Eminencia o Snr. Cardeal Patriarcha D. Antonio Mendes Bello acaba de ser expulso do districto de Lisboa e limitrophes, por espaço de um anno. O motivo porque o sabio e virtuoso Prelado incorreu nas iras do actual ministro da justiça foi ter feito determinações de ordem puramente es-



DE LISBOA

piritual, o que mostra até que ponto estamos ainda á mercê de *beneficito* e outras velharias essencialmente contrarias á verdadeira liberdade. A Sua Eminencia apresentamos os sentimentos de nossa muito respeitosa veneração.

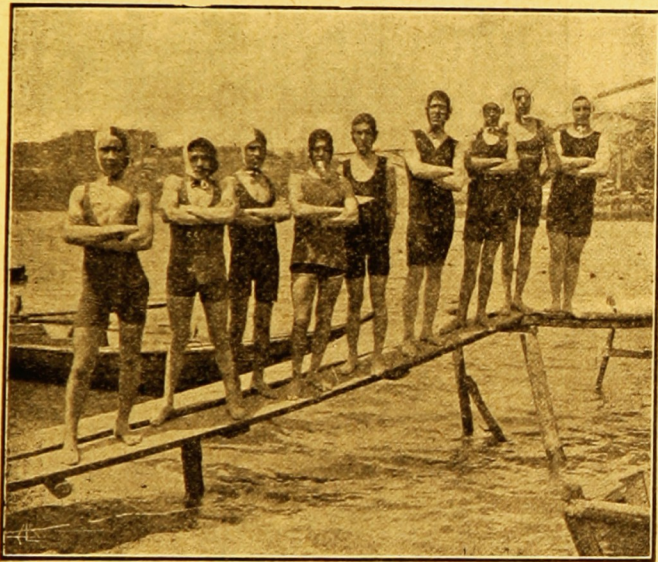
Porto



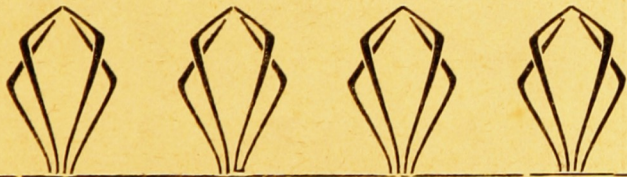
Desportivo

*Vida Moça.—Nadadores que tomaram parte na prova de 280 metros, sendo vencedor o snr. José Bonifacio Vulcão

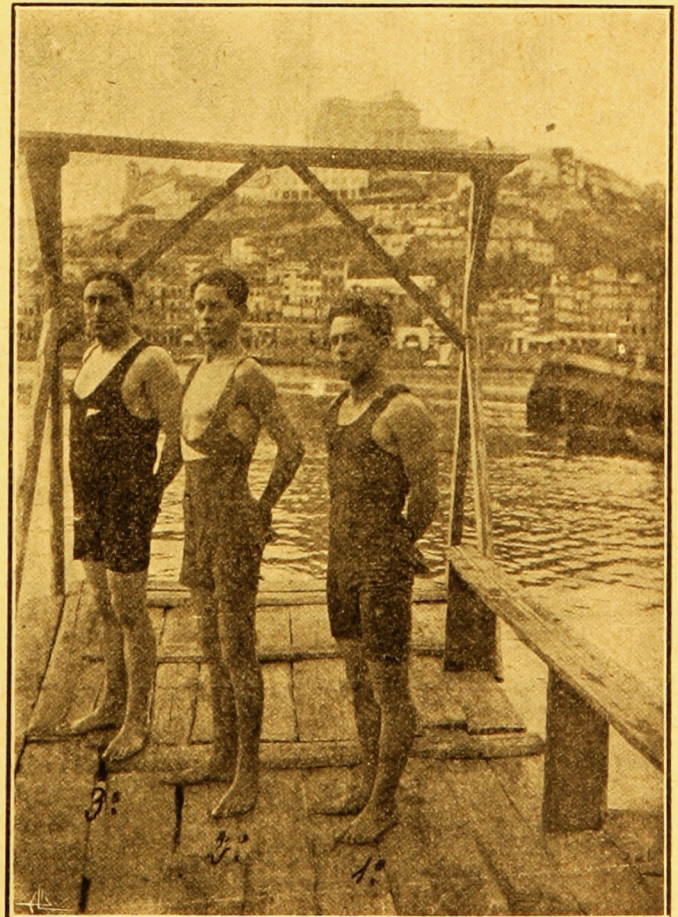
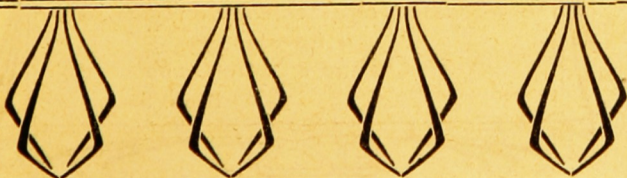
Campeonato dos
100 metros
promovido pelo
jornal «Vida Moça»
Grupo geral



Festa de Natação promovida
pelo Racing Club do Porto

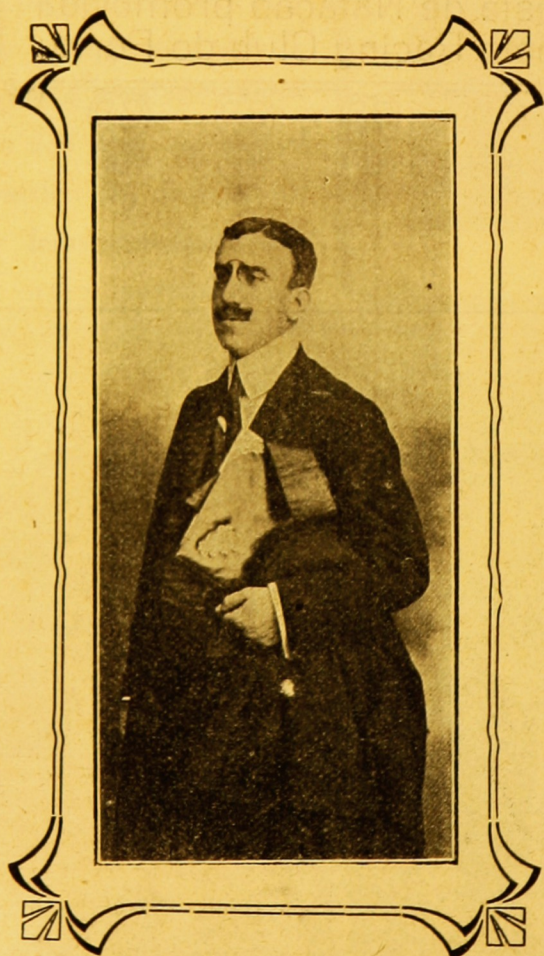


1—Nadadores da prova de estafetas
2—1.º. *Snr Antonio Fontes Junior,*
campeão do norte.
2.º *Snr. Armando d'Azevedo*
Moura, o segundo classificado,
3.º *Snr. Antonio Marques d'Almeida,*
O terceiro classificado,



Phots. J. Azevedo.

Nossa Senhora da Oliveira
EM GUIMARÃES



O Ex.^{mo} Snr. Dr. Adelino Jorge, dignissimo Juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, Padroeira da cidade, a quem se deve a imponente festividade e procissão realizada em 15 de agosto.



1—O andor de Nossa Senhora da Oliveira, na procissão realizada no dia 15 d'agosto.
2—O menino Carlos filho da ex.^{ma} snr.^a D. Carolina Teixeira e a menina Irene, filha do ex.^{mo} snr. Ernesto de Vasconcellos, que fizeram parte da procissão, representando a fugida para o Egypto.
3—O Palio e Santo Lenho.
Phots. Souto.

Braga Industrial.—Empregados de Ferragens



1.º plano, da esquerda para a direita.—*Luiz Ferreira Carvalho, José Joaquim Fernandes, Alexandre Martins Pereira, Domingos Pinto Guimarães, Manuel Carneiro Pereira, Francisco Gonçalves Ralha.*
2.º plano.—*Manoel Gonçalves Ralha, Miguel Antonio Moraes, Manuel da Mota e Souza Francisco Peixoto, Carlos Albino d'Almeida.*

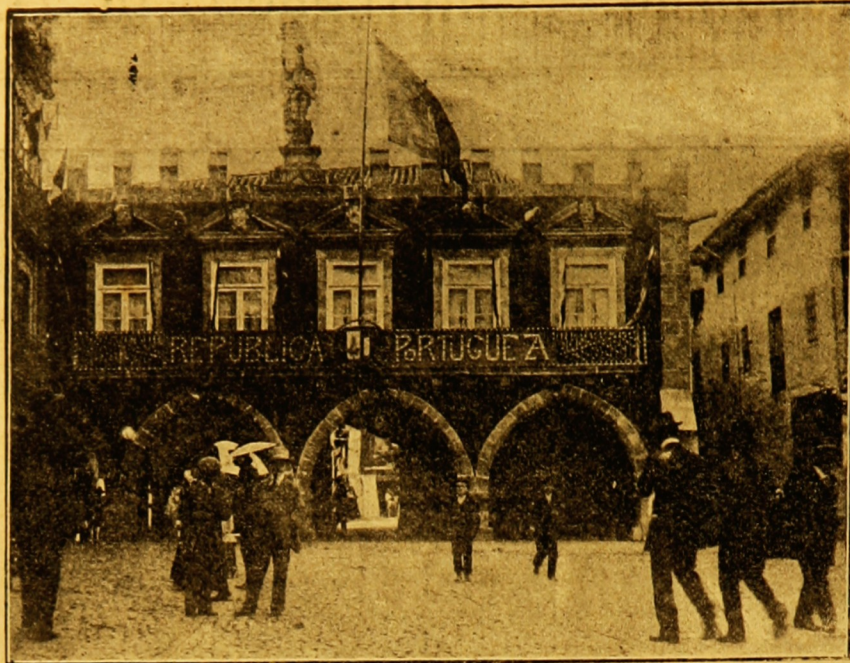


Em visita á officina do sr. Francisco Peixoto.

As festas em



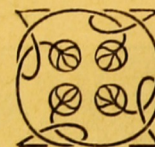
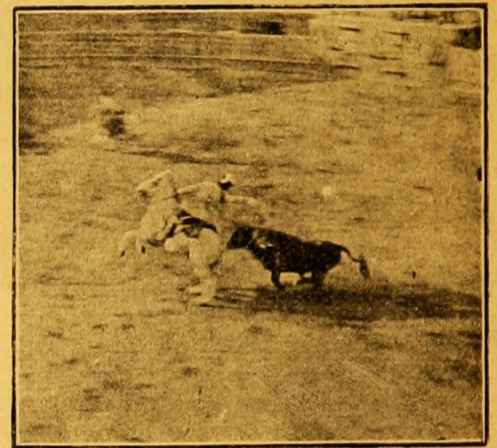
A Camara Municipal



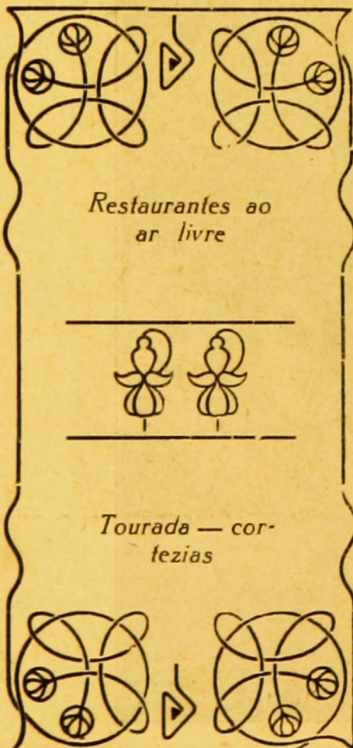
Gualterianas Guimarões



por ocasião das festas



TOURADA
Um ferro de
Morgado de Covas

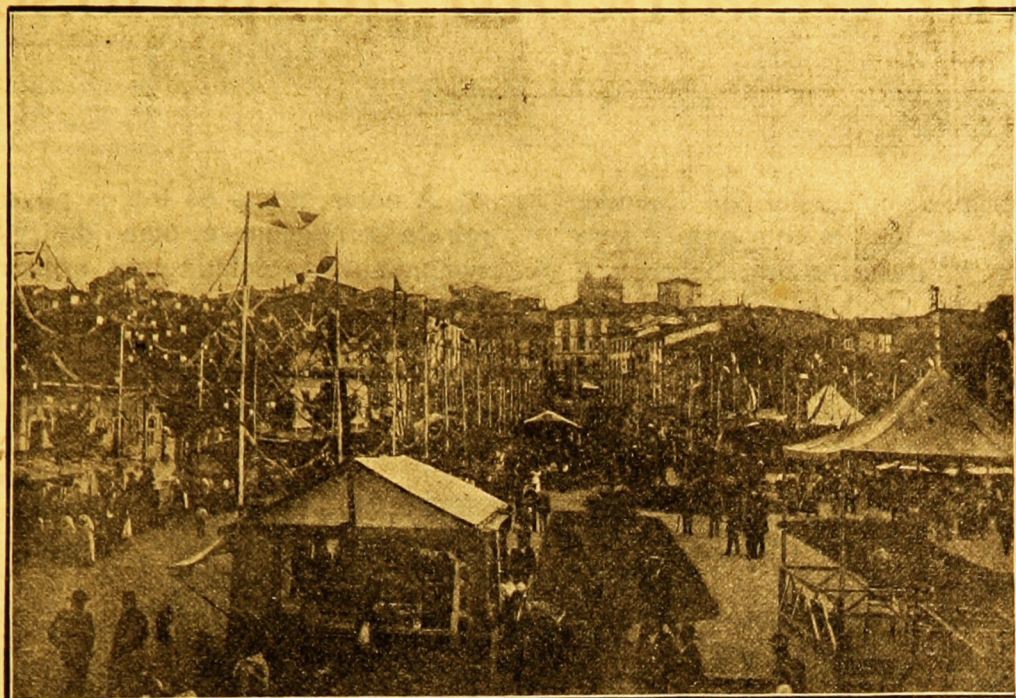


Restaurantes ao
ar livre



Tourada — cor-
tezias





Um aspecto do Largo da Republica do Brazil

(Photos. Luis do Souto)

Portuguezes na Guerra



(1) — Soldado n.º 396 da 3.ª Comp. d'infantaria 13. — (2) 1.º cabo Soares — (3) soldado Folhadella.



Antonio Soares Magalhães, 1.º cabo d'inf. 13



Um casamento auspicioso

Na nobre capella episcopal de Loanda, Africa Occidental—se uniram com o doce laço matrimonial os ex.^{mos} José Pereira Sabrosa e D. Carmen d'Oliveira Cochat, no dia 21 de abril deste anno. O ex.^{mo} e rev.^{mo} Vigario Capitular de Angola, sr. Dr. Manuel Alves da Cunha, presidiu ao acto religioso e lançou as benções sagradas no meio de uma assistencia numerosa e selecta da colonia portugueza.

Apraz-nos apresentar aos leitores da «Illustração Catholica» a photographia dos noivos, que formam um par lindo e encantador.

As distinctas qualidades, que enaltecem o lidimo character do nosso amigo, sr. José Pereira Sabrosa, são muito conhecidas e apreciadas no meio litterario e jornalístico, assim como no do valor civico. Coração franco e diamantino, a todos sabe attrahir com sua conversação affavel e erudita e com maneiras verdadeiramente fidalgas.

Intrepido peoneiro do progresso e civilização nas adustas plagas Africanas e cheio de fé sacrosanta e acrisolado amor da patria estremecida, um largo e venturoso porvir deve sem duvida corôar os arduos e agros sacrificios que se impôz, longe da terra que lhe serviu de berço, longe de tantos que o prezam.

A noiva, como os traços physionomicos do retrato o revelam, é uma donzella esbelta e sympathica, aureolada com primores de formosura, que põem em destaque os opulentos peregrinos dotes do seu gentil espirito e coração repleto de meiga ternura e immensa bondade, alliada a graça genuinamente franceza, affirmando bem a sua origem.



Os noivos

Descendente da illustre familia Cochat, é neta de Monsieur Cochat, consul geral de França, que, depois de reformado, tomou o encargo de chefe dos trabalhos do Caminho de Ferro de Angola, sendo alli estimado por todos e ainda hoje com infinda saudade lembrado; o seu enlace nupcial com o nosso prestimoso compatriota é mais um preclaro significado do fraternal amplexo que hoje estreita Portugal á nossa nova associada nas actuaes campanhas militares, brandando bem claramente: cesse tudo quanto a musa antiga canta, pois um novo valor mais alto se levanta!

Aos illustres noivos enviamos d'aqui as nossas sinceras felicitações, com votos ardentes pelas suas prosperidades

por longos e dilatados annos.

(Lisboa).

Dr. Diogo da Piedade e Costa.

QUADROS

VII

A taça

A' Ex. Senhora D. Maria Izabel de Queiroz
Vaz Guedes Osorio.

N'aquella taça de crystal-diamante,
Vasou-me alguém um vinho sem igual,
Vinho de Sonho, limpido, espumante.

Vasou-m'o alguém, de corpo esculptural,
D'alma tão pura, generosa e casta
Como santã de gothico vitral.

E fê-lo sem saber, pois que lhe basta
A visão do Senhor constantemente,
A Fé que no seu peito se não gasta.

Ergui a taça com a mão fremente,
D'olhos em Deus, na Virgem, na Senhora,
Que abençôa quem ama, soffre e sente.

Que taça lapidar e encantadora!
Que perolas, que joias dentro d'ella,
Como se escriptorio ao mesmo tempo fôra!

Que taça! e com que longes d'uma estrella!
Que vinho! o sangue rico d'uma alma
De santa, linda, esplendida donzella!

Dar me-hia Deus assim a dôce palma
D'uma vida de angustias e de fraguas,
N'uma urna tão limpida e tão calma?

Com ella, onde ficavam tantas maguas?
Que eram mais que maus sonhos n'uma bruma,
Corpos levados no correr das águas?

As angustias? Não via nem só uma...
Mas expliquem-me agora isto os sabios;
A taça, e estava perto a sua espuma,

Partiu-se ao abeira-la dos meus labios...

José Agostinho.

Melodia crepuscular

Já se esconde atraz da serra,
já da terra, a passo lento,
se despede o ardente sol;
já tinge nuvem formosa,
Vaporosa, o firmamento
com seu fulgido arrebol.

Cahem as sombras e, n'um bando,
pipitando as aves buscam
um refugio no arvoredado,
Suspendem tristes o canto,
pois, enquanto os ar's se offuscam,
dão treguas a seu folguedo.

Sente-se o bafo da brisa
que murmurando deslisa
e faz a lympha ondular,
inspirando os trovadores
que vão cantar seus amores,
altas horas, ao luar:

Surge Vesper luminoso
Com seu manto fenebroso
esparge a melancholia.
E' bem mais alegre a aurora.
—Tem mais sorrisos essa hora...
—mas ha n'esta mais poesia.

Elvira Neves Pereira.

Força dos fracos

POR EDUARDO DE NORONHA.

Disciplina e fé

UM povo pequeno com os olhos pregados na fé do seu destino, unido por uma solida força disciplinar, não só se mantém, não só resiste como um rochedo, por mais isolado que se encontre, ao embate de choques furiosos e potentes, mas ainda progride e com frequencia impõe a sua vontade, estende o seu dominio, amplia o seu esforço, dilata os elementos constitutivos da sua nacionalidade, expande o vigor e a energia determinante das acções momentosas,

Em Portugal fulge o exemplo. A nação que se consubstancia na dynastia de Aviz com a alma repleta de crença no Deus dos seus antepassados, com o espirito enfregue á competencia e patriotismo dos soberanos e dos estadistas e caudilhos que o rodeam; os reis como D. João I e D. João II, que se afirmam na disciplina da massa popular, e sentem e conhecem a confiança que todos os elementos são, patrióticos, lhe outorgam, com a miragem de um futuro melhor, com a esperança de engrandecerem o paiz seu berço, levaram as nossas esquadras aos confins do mundo, assenhorearam-se das principais vias maritimas do Universo, colonizaram a melhor parte da America do Sul, submeteram rajás, xeques, ranes e laides da India avassalaram centenas de sobas e regulos, milhares de tribus de raças variadas, milhões de negros aguerridos, selvagens, ferozes, desde S. Paulo da Loanda até Bagamoyo e ilha de Zanzibar.

Não inscreve o estylo da Historia nas suas taboinhas de marfim obra mais grandiosa por povo tão pequeno. Nem mesmo a Grecia no periodo culminante da sua aurea civilisação.

Compare-se o Portugal d'essa quadra, nesgasita de terra prolongada pelo dorso de um forte e poderoso reino, irrequeto, ambicioso, povoado por habitantes de indole bellicosa e aventureira, a defrontar-se com o mar apertado entre a immensidade alterosa do Atlantico, e as fronteiras abertas da cubçosa Castella, habilitado por escasos dois milhões de moradores de minguados recursos pecuniarios, commerciaes e industriaes, travando luctas quotidianas para defender os seus barcos de pesca da acommetida de piratas de procedencias varias, tendo em territorio e gente uma das parcelas minimas da Europa feudal; e a Russia de hoje, com os seus duzentos milhões de habitantes, a sua extensão territorial desde o Pruth ao Amir, desde os gelos do Oceano Artico até ás ridentes encostas do fertilissimo Caucaso.

As acções do Portugal de então norteavam-se pela pureza de uma fé vivissima; a Russia de hoje debate-se na maior calamidade que pode affligir um povo—a indisciplina social.

* * *

Pobre tzar Nicolau II! Como a imperatriz Catharina, uma das almas mais viris e de rija tèmpera que se teem assentado n'um throno, te contemplará com dó do tumulo onde jaz! Muitos autocratas moscovitas teem sido constrangidos a arrancar da frente o diadema com que as mãos piedosas do metropolitá, rodeado por dezenas de archimandritas, os sagraram e ungram na velha cathedral do Kremlin, uns por morte violenta, outros por abdicção, mas nenhum mostrou tanta debilidade de animo, nem deixou o paiz em tão angustiosa situação.

Nas complexas calamidades atravessadas pelo velho imperio de Moscovia, nenhuma de tão desastrosas consequencias, como a defecção de Pokow. Ahi o tzar dispunha ainda de um exercito disciplinado, da officialidade que via n'elle o seu caudilho, da maioria da nação que o encarava como chefe. De tudo se desfez n'um acto de fraqueza. Cortou ao filho o direito da hereditariedade, sempre affirmado com energia mesmo n'algumas classes de animaes inferiores: usurpou á imperatriz, que com elle casara por amor, a sua categoria; obriga as filhas a pizar com elle a terrivel senda semeada de abrolhos, o calvario lancinante que vae de Tsarskoié-Selo a Tobdow. Isto com inauditos soffrimentos pessoases, seus e de sua familia; ao passo que, parallelamente, o diluvio das desgraças se despenham em horrenda catadupa sobre o povo que Deus o chamara a governar e a conduzir. As lagrimas do rei mouro Boabdil, ao despedir-se de Granada, são gottas de consolador balsamo comparadas com os remorsos e arrependimento que deve ter seccado e pranto nos olhos inflammados do tzar. Mais remorso e mais arrependimento só o sentirá quem, de longe ou de perto, fomentou, provocou e derramou tal somma de fatalidades, que suppunha proveitosas para a sua causa e que se transformaram n'um inconjuravel flagello.

Antes, perante a Historia e a propria consciencia, o punhal aleivoso, o veneno traiçoeiro, o cordão estrangulador, a bomba nihilista, as balas dos proprios soldados, que a protecção da mão estendida de um dictador de occasião, mais dèspota e inexoravel que Ivan o Terrivel, entregando ás phalanges de carrascos que o acompanhavam milhares de victimas, ao que Pedro I assassinando de machado em punho os Strelitz revoltados.

A ignominia do encarceramento n'um antigo palacio e parque imperial, com a meza reduzida, com a correspondencia violada, com a espionagem exercida nos actos mais intimos da existencia quotidiana; sem poder esboçar uma passada sem a vigilancia de trez soldados, *mujiks* respeitosos de hontem, carniceiros indolentes de hoje; com a esposa enferma de corpo e de espirito por tanto ter descido, isolada dos antigos servidores, no ermo que a desdita cria; com o primogenito aleijado; com as gran-duquezas sem um protector; solitario mais ainda que Napoleão I após a abdicção de Fontainebleau; elle distribuidor de ambicionadas benesses e de desejadas honrarias e que ao presente só se lhe deparam as costas de tanto arcabouço inclinado ha poucas semanas subserviente ante o seu olhar, e que cobrira de bordados e de medalhas; só encontra um similar n'esse trajecto até á Siberia na pequena cidade situada na confluencia do Irtych e do Tobol, afastada de qualquer linha ferrea, onde se demorara como tzarevitch, vindo do Japão, a bordo do seu yacht *Nicolau*, e onde o acclamaram com delirio a 22 de julho de 1890.

Desventurada Russia e infeliz monarcha! A que grau de fraqueza chegaram uma e outra!

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: - **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Escultura e Pintura

—DE—

Teixeira Fanzeres

Garante-se perfeição em todos os serviços

Preços sem competencia

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião 19-2.º — Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sotomaior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto, 105-1.º—BRAGA

Paramentaria, Sirgaria e Artigos militares

—DE—

RIBEIRO DE CASTRO & VILLELA

99, Rua do Souto, 101

MISSAES

BRAGA

BREVIARIOS

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licerças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos. e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echos do Minho», e officina de encadernação onde são executados quae quer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA